



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**SEDUÇÃO, AMOR E VIOLÊNCIA NOS SERINGAIS DO AMAZONAS**

Monica Maria Lopes Lage

Nos seringais do Amazonas a paixão “*andava solta.*” As relações que se estabeleciam entre homens e mulheres não eram pautadas por condutas morais ou sociais. Desta forma, homens mais velhos envolviam-se com meninas e mulheres mais moças, casados envolviam-se com solteiras, solteiros envolviam-se com amasiadas e assim sucessivamente. “As mulheres relatavam que buscavam no homem mais velho, nos estrangeiros, incluindo os sulistas, uma proteção, um abrigo, um amparo material”.<sup>1</sup>

O amor, a transgressão amorosa e a paixão eram constantemente exaltadas através dos periódicos que circulavam as regiões dos seringais. Ora anunciando futuros casamentos, ora explorando belas poesias que retratavam os corações apaixonados. O romantismo difundido no século XIX, chegava a selva a envolvia os amores reais e imaginários.

Muitas histórias que começavam com uma intensa paixão acabavam em tragédia. Os crimes passionais nos seringais do Amazonas aconteciam com significativa frequência, e tal hipótese se justifica pelos inúmeros processos, que remontam o século XIX, e que se encontram nos arquivos do Fórum Enoque Reis na cidade de Manaus. Estes processos são documentos seguidos de pedidos de habeas corpus, feitos pelos advogados

<sup>1</sup> D; INCAO, Maria Ângela. O amor na fronteira. In coleção Eduardo Galvão. A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. (Org.) Maria Luiza Miranda Alves e Maria Ângela D; Incao. – Belém: GEPEM, 1995. p. 187.

de defesa dos réus, e muitos deles buscam inocentar o acusado, alegando legítima defesa da honra.

São documentos que nos fornecem informações de significativa importância para a compreensão de como estes crimes aconteciam. Além de descreverem toda a cena do crime, eles trazem dados pessoais dos acusados, estado cível, grau de instrução, profissão, testemunhas, descreve o local e a data do crime e apresentam todas as condições do conflito.

Ao analisar um número razoável destes processos foi possível perceber que grande parte dos crimes passionais que aconteciam nos seringais do Amazonas estavam atrelados a questão da honra.

A honra, no decorrer dos séculos XIX e início do XX era o valor que norteava a conduta das famílias patriarcais da sociedade brasileira, entretanto ela possuía valores diferentes para homens e mulheres. Para os homens a honra muitas vezes estava ligada aos atos de heroísmo, aos desempenhos nas batalhas, a masculinidade, as ações públicas. Já para as mulheres a honra estava ligada à pureza sexual e à fidelidade. Entretanto, tanto para um como para o outro, a desonra cobria ambos de vergonha e os excluía de uma comunidade de iguais.<sup>2</sup>

A honra sexual era a base da família, e esta a base da nação, Sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres, a modernização, termo que assumia diferentes significados para diferentes pessoas, causaria a dissolução da família, um aumento brutal da criminalidade e o caos social.<sup>3</sup>

Cabia ao homem evitar que a desonra da família viesse a acontecer. Sempre atentos eles mantinham sob seus olhares e sob sua tutela todas as suas mulheres - mães, esposas, filhas, irmãs ou amantes, e caso a desonra viesse a acontecer, só restava lavar a honra com sangue.

Se a desonra chegasse a ocorrer, especialmente na forma de adultério, só restava ao homem “lavar a honra com sangue”, o que era também

<sup>2</sup> ALGRANT, Leila Mezan. Honradas e devotas da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos no sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro. Jose Olimpo. Edunb, 1993. p 112.

<sup>3</sup> CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) – Campinas SP. Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em historia social da cultura, 2000. p. 26.

reconhecido pela justiça como “legítima defesa da honra” ou como ação cometida em momento de “privação dos sentidos e da inteligência.”<sup>4</sup>

Estes valores norteavam a conduta da sociedade brasileira do século XIX e atingia a todos, até mesmo os que por opção ou necessidade passaram a viver nos seringais mais distantes do Amazonas. Por viverem num ambiente de perigo constante, os homens nos seringais, já eram mais propensos a serem fortes, corajosos e valentes, quando a honra desses homens via-se ameaçada eles não temiam em defendê-la com sangue. A preocupação com a imagem social era o fator motivador que os impulsionavam para o crime, conforme mostra o caso abaixo:

O crime aconteceu em um seringal localizado próximo ao rio do Conto. O rio do Conto era uma das principais vias fluviais do Amazonas, nele trafegavam balsas, navios e canoas transportando pessoas e mercadorias. Neste rio existia uma quantidade enorme de igarapés e afluentes que adentravam a floresta, nele via-se constantemente botos, jacarés, tracajás e muitas espécies de peixes, principalmente os mais almejados pelos beiradeiros, o Pirarucu. Devido a riqueza natural deste rio, a quantidade de seringais que se formou ao seu redor fez dele um dos rios mais populosos e produtivos no auge da borracha no Amazonas.

E foi justamente em um destes seringais localizados nas proximidades deste rio que um morador conhecido por nome de Oscar matou a tiros seu empregado por acreditar que este o havia desonrado quando se envolveu em um caso amoroso com sua amasia. Consta que o crime ocorreu no rio do Conto, afluente do Jacy Paraná, no seringal do coronel Elias Solsol e se deu por motivo de ciúmes.

Em dias da semana passada, no rio do Conto, afluente do Jacy-Paraná, no seringal do Sr. Elias Solsol, deu-se um assassinato por questões de ciúme.<sup>5</sup>

Paixão, amor, sedução e rapto, são elementos que compõem a cena do crime. Oscar, peruano de meia idade, não resistiu aos encantos da jovem sedutora Patrícia. Esta por sua vez deixara para trás marido e filhos e apaixonada se entregou ao jogo do amor e da sedução.

<sup>4</sup> WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999, p 218.

<sup>5</sup> Jornal Alto Madeira 31-01-1918



Vivia ahi o peruano Oscar de tal, homem já entrando em annos, e empregado do dicto Sr. Solsol, em companhia de uma moça jovem e formosa. Patrícia sua, que alleivosamente roubara da companhia de dois filhos e do marido, Tião Calixto, no Mutum-Paraná.<sup>6</sup>

Patrícia era uma moça jovem e formosa que vivia na companhia de seu marido Tião Calixto e de dois filhos no lugar denominado Mutum – Paraná, quando fora raptada da companhia de seus entes queridos pelo peruano conhecido como Oscar de Tal.

O rapto ou o roubo de mulheres foi uma prática muito comum no Brasil no decorrer do século XIX. Segundo Boris Fausto<sup>7</sup>, o crime de rapto consistia em 5,1% dos casos de crimes contra mulheres na cidade de São Paulo, no período de 1880-1920. Maria Beatriz Nizza da Silva afirma que diante da lei ele podia ser analisado e julgado através de duas maneiras: existia o rapto por sedução e o rapto por violência. O rapto por violência estava de modo geral ligado ao crime de estupro e eram abordadas as mesmas punições para ambos os crimes. Já o rapto por sedução, segundo a autora, não parece ter tido muita severidade de punição, pois quando este ocorria bastava o raptor reparar o erro, tomando a moça como esposa.

Sedutores e raptadores eram, portanto aqueles que sem violência, mas com afagos e promessas, com dolo mau, e para fim libidinoso tirarem alguma mulher, ou reputada tal, capaz de sedução da casa de seu pai, mãe, tutor, curador, senhor ou outra pessoa, debaixo de cujo poder, ou guarda ela estiver, levando-a para lugar diverso.<sup>8</sup>

Ao que tudo indica, Patrícia fora roubada do marido e seduzida pelo peruano Oscar. Apaixonados, Patrícia e Oscar foram viver no seringal onde o peruano tirava seu sustento. Feliz, radiante e embebecida pela paixão, a jovem sedutora Patrícia trocara sua condição de esposa para condição de amasia. Poder-se-ia dizer que a paixão empresta aos valores morais outras ordens para o sentimento, e estas outras ordens não condenam e nem julgam através da moral. Ela simplesmente empresta aos amantes a condição da felicidade que só o estado amoroso propicia. Patrícia não pensou em nada que havia ficado para trás, ela simplesmente foi viver a magia do seu grande amor.

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 253

<sup>8</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sistema de casamento no Brasil colonial – São Paulo: T. A. Queiroz: Ed da Universidade de São Paulo, 1984, p. 76.

Para a mulher não há impossíveis. Quando a mulher concede um pensamento é inútil dizer-lhe – “Não irás avante”-, porque ela arrostará tudo, saltará por cima de tudo para realizar seu pensamento. A palavra impossível foi inventada pelos homens para porem um paradeiro aos desejos da mulher, [...], mas a mulher rir-se do frágil obstáculo e vai caminhando sempre, [...].<sup>9</sup>

Provavelmente com medo e receio da reação do marido atraído, o amante sedutor, andava na companhia de um capanga, o qual o acompanhava por todos os lados, rapaz mais moço, bonito e atraente, “Oscar tinha por capanga um Chôlo, rapaz moço e sacudido que o acompanhava por toda parte”.

Oscar, o capanga e a jovem sedutora Patrícia de longos cabelos negros e de olhar que fluíam toda languidez da sua juventude, conviviam intensamente no cotidiano do seringal e nas festas. Sempre próximos, Patrícia e o Chôlo trocavam gestos e olhares amáveis e cada vez mais intensos. Nas festas dançavam juntos com a permissão de Oscar que, entretido num copo de cachaça, não percebia que a dança provocava nos corpos dos jovens dançarinos um calor intenso. Calor que cada vez mais atraía a bela e encantadora Patrícia para os braços fortes do capanga. E na medida em que os encontros fluíam “A moça em extremo volúvel e namoradeira começou a dar corda ao Chôlo, até que o embriagou com seus encantos e meiguices.”<sup>10</sup>

Nas entrelinhas do documento, em leitura subjacente, o capanga vem á superfície como um inocente filho da natureza que fora atraído pelas armadilhas dos jogos de sedução da jovem Patrícia de longos cabelos negros e olhares lânguidos que é descrita como uma mulher vulgar, namoradeira, assanhada e frívola que seduz o rapaz com seus encantos e meiguices. Por este olhar-moral retira-se do rapaz-capanga toda a responsabilidade do que vinha acontecendo, ficando só a mulher responsável pelo suposto jogo de sedução. Talvez a aparição da mulher, desta forma descrita no documento, se deu pelo fato de ela ter sido casada com Tião Calixto, amasiada com Oscar e agora se encontrava de gracejos com o tal capanga.

Ao descobrir o romance da sua jovem e bela amasia e seu capanga, o amante atraído é tomado por uma raiva incontrolável. “O Oscar soube de tudo e espumando

# História Cultural

<sup>9</sup> APPEL, Carlos Jorge. D. João de jaqueta, um elogio a inteligência. In. Pires, Horácio Nunes. p.43

<sup>10</sup> Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

de raiva, esperou o rapaz na porta da barraca”.<sup>11</sup> Poder-se-ia dizer que no olhar masculino Oscar experimentava da mesma dor e zombaria que o marido da jovem Patrícia e seus filhos tinham sido colocados. Antes visto como viril e macho, agora exposto a olhares alheios que viam nele o corno do seringal.

Na ambigüidade do universo masculino, na traição se lava a honra com sangue. Interessante pensarmos este ponto: seria o sangue do capanga a salvação da honra de Oscar diante do olhar da população do seringal no qual estava inserido? Quando Oscar rapta a jovem esposa e mãe do ceio familiar e contrata um jovem como seu Chôlo para se defender de um possível tentativa de vingança de Tião Calixto, esposo de sua amasia que agora se via em encontros furtivos com o capanga, Oscar, o peruano, pensava e se regozijava de quais sentimentos? Honra, paixão, dor e vingança. Seria fácil remeter a violência amorosa para o mundo embrutecido do seringal como apresenta a historiografia e a literatura. Mas não queremos trilhar esse caminho. Gostaríamos de pensar quais discursos morais formularão e associarão a honra - amorosa com sangue. Como lembra Renato Janine Ribeiro, no Antigo Regime a honra era associada à fama e à glória. Portanto, só tinha honra os iguais, ou seja, os senhores feudais. Oscar, o amante atraído, por analogia não se insere como Senhor do seringal, pelo contrário, o peruano era um peão dentro da estrutura sócio-econômica das atividades do seringal. Qual discurso alimentava a ira de Oscar? Seria a honra – amorosa, um discurso que perpassa por todos os seguimentos sociais?

Diante das tentações carnis, de tédio, solidão, abandonos conjugais e vinganças pessoais, o padre moralista Manuel Bernadetes, século XVII, em nove regras ensina como as mulheres casadas devem proceder para evitar cair em adultério.

Seja muito amiga da honra, e bom nome, pois este vale mais que muitas riquezas. [...]. Leiam e meditem exemplos de matronas castas, que antes escolheram perder a vida, que violar a fé conjugal. [...]. Nas ausências do marido convém observar mais recato, e reconhecimento.<sup>12</sup>

Dizer-ia-se que para o universo masculino a traição pertence ao mundo da zombaria e do escárnio. Talvez o ato da violência seja um exercício de mostrar a sua dor e tornar público o que lhe aconteceu e alertar o outro que o mesmo pode ocorrer com ele. O ato de ri do corno pode ser lido como uma atitude de exercitar seus próprios fantasmas

<sup>11</sup> Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

<sup>12</sup> Apud. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op. cit.; p. 192



diante da possibilidade de ser o próximo traído. Diante dessa possibilidade, objetiva purificar a honra através da violência seja tolerada pela sociedade patriarcal do século XIX, legitimada pelos discursos morais, religioso, jurídico e ético

A honra é um valor moral de uma pessoa para si mesma, mas também para a sociedade. É sua opinião sobre seu próprio valor, sua reivindicação de orgulho, mas também é a aceitação desta reivindicação, sua excelência reconhecida pela sociedade, seu direito de orgulho.<sup>13</sup>

Possuído pelo desejo de vingança, o amasio traído fica de tocaia num ponto estratégico da barranca a espera do seu capanga. O entardecer surgia no movimento silencioso das águas do rio Madeira. Descontraído e sem a mínima noção do que o aguardava, caminhava o capanga Chôlo em direção ao local do crime e pego de surpresa foi morto com tiros na cabeça, os quais, o deixou com o crânio exposto a céu aberto.

[...] Vinha este descuidado, saboreando sem duvidas, as doçuras de sua paixão. Oscar apontou-lhe o rifle à cabeça e o poz por terra, com o craneo espedaçado. O assassino está preso na cadeia da vizinha Villa de Santo Antônio.<sup>14</sup>

A amizade cultivada entre a jovem amasia de Oscar e seu agregado talvez tenha ofertado o surgimento da paixão e do desejo. Foi, quem sabe, no rebolado dos corpos em danças, do sorriso meigo e farto e de olhares furtivos de desejos lânguidos que permitiu “traçar a fronteira do geral e do particular” para Patrícia e Chôlo. A amizade

[...], é uma prática que supõe problematizações: as da relação com os outros, com a família e com o amor, por exemplo. [...], do olhar pousado sobre o outro, [...], a cláusula do segredo é suspensa em benefício de uma intimidade ao mesmo tempo diferenciada e elaborada. [...], a exigência de comunicação intensa se traduz por uma retórica da sensibilidade e da afeição. [...]. As novas exigências da intimidade, os mal-entendidos, as delicadezas crescentes, as amizades apaixonadas, as discórdias entre *amantes* abrem outras possibilidades em que os correspondentes vão arriscar parte de si.<sup>15</sup>

Segundo Sidney Chalhoub, a quantidade de casos onde homens cometem homicídio por causa de mulheres é imensamente superior à condição inversa. Para o autor,

<sup>13</sup> FAUSTO, Boris. P.cit; p. 195

<sup>14</sup> Jornal “O Alto Madeira 31-01- 1918

<sup>15</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.9; 10; 11; 23.

o homem geralmente se desespera diante da possibilidade de perder a mulher amada. Ao analisar os crimes cometidos entre homens por causa de mulheres na Cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, o autor ressalta que:

[...], talvez as mulheres se desesperassem menos com o rompimento amoroso, pois elas compreendiam que em geral não teriam dificuldades em arrumar outro amasio, ou outro parceiro se assim o desejassem. O homem, no entanto, sabia que estava atirado numa arena na qual a luta era árdua, e conquistar uma nova companheira poderia levar tempo.<sup>16</sup>

O desespero de Oscar ao saber que sua amasia se encontrava de gracejos com seu capanga, levou-o a cometer o crime em defesa da própria honra. Provavelmente uma junção de sentimentos tomou conta de seu coração, a possibilidade de perdê-la para outro homem e se ver desonrado diante da população do seringal onde ele estava inserido e o ciúme que sentiu ao saber do envolvimento amoroso de sua amada com seu empregado foram, talvez, os fatores que o motivaram a cometer o crime.

Na grande maioria das vezes os sentimentos que dominam o imaginário do criminoso passional são o ódio, a vingança, o rancor, a alto-afirmação, a prepotência, a intolerância, a preocupação com a imagem social, a necessidade de exercer o poder e o ciúme. É pouco provável que alguém consiga desassociar um crime passional do ciúme, o ciúme está sempre presente neste tipo de caso.

Na história do ciúme, esse sentimento nem sempre teve uma conotação negativa. Aristóteles, no século IV a.C., concebia o ciúme como o desejo de se ter o que outra pessoa possui. Era originariamente uma palavra boa e referia-se ao desejo de imitar uma coisa nobre da outra pessoa. Nesta acepção, o filósofo pensava o ciúme em termos de uma nobre “inveja”. Somente mais tarde a partir do séc. IV é que Santo Agostinho passa a advertir que: “O amor é forte como a morte, o ciúme é cruel como o túmulo”, concebia o ciúme como algo desfavorável à boa vivência do amor. Para Stendhal<sup>17</sup>, o ciúme também tinha uma conotação negativa e estava atrelado à vaidade: “O que torna a dor do ciúme tão aguda é que a vaidade não pode ajudar-nos a suportá-la”. Ainda segundo Stendhal, “o ciúme é o maior de todos os males”. Sendo ou não verdadeira esta afirmação,

<sup>16</sup> CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986, p.156

<sup>17</sup> STENDHAL. Do amor: Tradução Roberto Leão Ferreira – 2ed- São Paulo: Martins Fontes, 1999 – Clássicos. p. 94



a experiência do ciúme é comum nos relacionamentos amorosos e, na maioria das vezes, é o fator motivador para as brigas, desavenças e violências.

A análise de vários processos de crimes passionais ocorridos no Amazonas tem apontado que a violência nos seringais não escolhida classe social, cor, nacionalidade, profissão ou qualquer outro requisito para acontecer. Ela possuía uma linguagem que era usada por todos, estrangeiros, comerciantes, patrões, empregados, seringueiros, feitiçeiros, todos os que viviam no cotidiano dos seringais e nele e por ele aprenderam a se defender dos riscos imaginários e reais que a mata oferecia.

Estes processos trazem relatos de experiências vividas por homens e mulheres que trabalharam, casaram-se, amasiaram-se e envolveram-se em diversas situações de amor, paixão e sedução, e que por motivos distintos, acabaram se envolvendo em brigas e violências em nome destes sentimentos. Honra, ciúme, vingança, rapto, traição, estupro, feitiçaria e intriga foram os motivos mais recorrentes nos processos. No conjunto das interpretações destes casos percebemos que a mulher não ocupou apenas o lugar de vítima como tendência a historiografia, elas também aparecem como agentes de violência e protagonistas de suas histórias.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALGRANT, Leila Mezan. Honradas e devotas da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos no sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro. Jose Olimpo. Edunb, 1993.

APPEL, Carlos Jorge. D. João de jaqueta, um elogio a inteligência. In. Pires, Horácio Nunes.

CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) – Campinas SP. Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em história social da cultura, 2000.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986.

CORRÊIA. Maria Terezinha. Princesa do Madeira. Os festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá-AM – São Paulo: Humanitas, 2008.

D; INCAO, Maria Ângela. O amor na fronteira. In coleção Eduardo Galvão. A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. (Org.) Maria Luiza Miranda Alves e Maria Ângela D; Incao. – Belém: GEPEN, 1995.

FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sistema de casamento no Brasil colonial – São Paulo: T. A. Queiroz: Ed da Universidade de São Paulo, 1984.

STENDHAL. Do amor: Tradução Roberto Leão Ferreira – 2ed- São Paulo: Martins Fontes, 1999 – Clássicos.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

**Documentos do Arquivo do Museu Histórico do Amazonas:**

Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

